

# CIRANDA, CABOCOLINHO E A INTERDISCIPLINIDADE LITERÁRIA

## CIRANDA, CABOCOLINHO AND LITERARY INTERDISCIPLINITY

Manuela Xavier Ribeiro de Souza<sup>i</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa mostrar um leque de possibilidades de trabalhar com a Ciranda e Cabocolinho em sala de aula, já que ela faz parte da Literatura Popular Brasileira, e trazer, assim, uma gama de conhecimentos em suas letras e representações. A Ciranda é um gênero oral e é difundido nas regiões litorâneas e da Zona da Mata do Estado do Pernambuco e da Paraíba. As letras das canções trazem referências a religião, negritude, amor, além dos temas referentes ao mar, à natureza e ao cotidiano dos “brincantes”. Hoje, há a necessidade de uma escola completa, esférica e que forme o ser para se tornar cidadão em sua completude. Sendo assim, nada deveria ser deixado de lado nas aulas, muito menos o que vem de fora para dentro da escola, como é o caso da Ciranda, que pode ser utilizada como forma de conscientização da formação da cultura do povo das regiões citadas.

**Palavras-chave:** Ciranda e Cabocolinho. Arte. Literatura Popular.

**ABSTRACT:** The present article aims to show a range of possibilities for working with Ciranda and Cabocolinho in the classroom, since it is part of Brazilian Popular Literature, by bringing a range of knowledge in its letters and representations. Ciranda is an oral genre and is widespread in the coastal regions and the Mata Zone of the State of Pernambuco and Parahyba. The lyrics of the songs bring references to religion, negritude, love, besides the themes referring to the sea, the nature and the daily life of the “players”. Today there is a need for a complete, spherical school that could form citizens in their completeness. So that, nothing should be left aside in the classroom, much less that it comes from outside to the school, as is the case of Ciranda, which should be used as a way of raising awareness of the culture of the people of the regions mentioned.

**Keywords:** Ciranda and Cabocolinho. Art. Popular Literature.

Submetido em: 23 out. 2018

Aprovado em: 21 dez. 2018

---

<sup>i</sup> Mestranda em Letras pelo Proletras da Universidade Federal da Paraíba.  
E-mail: manuelinhax@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A Base Nacional Curricular Comum (2018, p. 63) trata as questões de leituras literárias e de suas interdisciplinaridades, diante de alguns propósitos, como:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Em um país com uma diversidade cultural abrangente e demasiadamente valorativa, o que tentou se fazer, por muitos anos, foi, justamente, uma “podação”<sup>1</sup> dessa heterogeneidade cultural, histórica e ideológica, deixando de lado riquezas que não eram consideradas ideais, ou que não tinham o privilégio social, estabelecidas por apenas poucos que obtiveram prestígio de classe. Na escola, por muitos anos, repetiu-se apenas o que era considerado certo e “puro”, por meio do conhecimento de uma minoria que impunha seus saberes à maioria que era, por sua vez, inevitavelmente, excluída. E assim, foi com todos os aspectos da vida social, na literatura, na política, nas religiões. É importante deixar claro que, nossa perspectiva de interdisciplinaridade percorre além das paredes da unidade escolar e traz à tona toda uma gama de conhecimentos que, exteriores às paredes desta sala de aula, transbordam como

---

<sup>1</sup> Termo usado no sentido de retirada.

caldeirão em pleno ápice de sua população, com suas diferentes conotações e antagonismos do ser em estado de constante transformação e desenvolvimento.

A escola como lugar de educação formal que é, não pode mais, em tempos atuais, ignorar os conhecimentos trazidos pelos alunos, para que não continue a existir uma perpetuação do pensamento egocêntrico de que só o que se aprende na escola e nos livros é o ideal ou o utilizável à vida. Faz-se necessário mais reflexões e mais (re)definições, por parte dos atores, sobre o que deve ser valorizado e vivificado na escola, para que os conhecimentos trazidos pelos estudantes, tornem-se base para outros conhecimentos, e a escola obtenha o título de democrática.

Há autores que dizem que a escola deve trazer aquilo que não é comum aos alunos para a possibilidade de aumento do capital cultural, tornando-se um lugar desafiador, trazendo o novo e a ajuda na compreensão do dia a dia da sua essência. Saviani (1997) diz que, “o ponto de partida do conhecimento escolar deve ser a cultura popular que já se encontra no cotidiano dos alunos, o que ocorrerá, muitas vezes, é que os alunos tenham que ser despertados por ela”. Acreditamos que está havendo uma invasão na indústria cultural material a partir de outras culturas, e que cooptaram especificidades da cultura popular, transformando-a em simples mercadoria.

Sendo assim, a escola deve partir dos saberes trazidos pelos estudantes e levá-los a outros saberes, e não dizer o que deve ir mais longe, pois essa definição não cabe dentro de uma escola, ou pelo menos, não deveria caber; “afinal saberes se constroem num entorno social, com o que está dentro e fora da escola” (GONSALVES, 2014, p. 17).

A questão aqui não é apenas de saber/aprender ou não a ler, saber/aprender ou não escrever, saber ou não fazer o próprio nome – tudo isso é fundamental, mas não só –, faz-se necessário dar valor aos conhecimentos que não estão na escola, que não estão nos livros, que não são considerados “letramentos”, embora, saibamos que os são.

Os usos sociais da língua em suas diversas funcionalidades podem e devem ser aproveitados pela escola para ampliar os repertórios de conhecimentos trazidos pelos estudantes. Ora, quem sabe quais conhecimentos devem e podem ser valorizados, pensados, estimulados? Muitas vezes são apenas alguns educadores, apenas alguns poucos, que respeitam e buscam validar e (re)significar as diversidades de identidades, de gênero, de etnias, de culturas, de religião, tal como propõe Hall (2015), no que tange à constante mutabilidade de nossa similitude. Também não se está dizendo aqui que não se deve trabalhar conteúdo dos livros, conteúdos tidos como “essenciais” ou tradicionais.

Mas é preciso allear e buscar o lugar das interdisciplinaridades, das múltiplas formas de se mediar conhecimentos dentro da escola. É preciso resistir à prática do “pronto” e dar ouvidos, aos saberes desprezados ou negados; ao respeitar os conhecimentos vindos de populações indígenas, quilombolas, praieiras, por exemplo. Todos esses saberes são altamente relevantes e fazem parte da nossa identidade cultural, histórica e, por conseguinte, literária, e devem ser trabalhados em sala de aula e fora dela também, ou, como diz Saviani (1997), a partir dela, ou de outras dependendo de qual contexto a escola está inserida.

A escola é o lugar onde deve se usar as diferenças para aprofundar conhecimentos e diversificar os saberes, sem ocultá-los ou ranquear os que são mais ou menos relevantes. Gêneros textuais variados e diversos assuntos devem ser trazidos à escola de forma instigadora e reflexiva. Isso pode ser feito de maneiras diferentes, de acordo com o ambiente escolar, os educandos e a proposta do planejamento escolar.

## **1 CIRANDA E CABOCOLINHO COMO LEITURAS LITERÁRIAS**

Escolhemos os gêneros literários que quase nunca são vistos nas salas de aula, exceto, na educação infantil, como uma “brincadeira de criança”: a Ciranda e o Cabocolinho; que são gêneros literários da modalidade oral acompanhada por dança e música no Estado de Pernambuco. Tal posição, pode servir como um levante para acepção do lugar de pescadores e suas famílias dentro da escola, dos negros, dos índios, da posição da mulher e sua importância para a sociedade como um todo, já que o primeiro gênero possui uma amplitude temática mais acentuada. No que se refere ao Cabocolinhos, embora a temática autóctone, por exemplo, eles ainda resistem ao tempo e lutam bravamente para salvaguardar as agremiações que são compostas por homens e mulheres trajando vistosos cocares, saias, adereços nos braços, tornozelos e colares.

Em Pernambuco, diversas cidades preservam a cultura indígena, em especial Goiana e Recife (Capital do Estado). No que se refere à cidade de Goiana, que tem 450 anos e faz parte da história de Pernambuco, traz elementos históricos e políticos significativos até a presente data, por sua importância política e econômica para o Estado, e é considerada “Terra dos Cabocolinhos”, já que essa terra era habitada por índios, antes da “colonização”. O título foi recebido no ano de 2015, mesmo vivendo esse fenômeno cultural/identitário há muitos anos. Com encontro anual de Cabocolinho, ressaltando e mantendo a cultura indígena na cidade, esse título tem sido ameaçado pela falta de “cuidado” do poder público local. Mesmo assim,

as agremiações/tribos têm lutado bravamente para preservar seus estandartes. O Recife participa com louvor dos movimentos para a salvaguarda dessa manifestação cultural.

As formas que dançantes de cabocolinho tem de se apresentar à população é por meio de desfiles que acontecem em filas fazendo evoluções ao som dos estalidos secos das preacas, abaixando-se e levantando-se com agilidade e ao mesmo tempo rodopiando e apoiando-se na ponta dos pés e calcanhares, com pequenas flechas e arcos nas mãos. A figuração é formada pelos seguintes elementos: cacique, mãe-da-tribo, pajé, capitão, tenente, porta-estandarte, pêros (que são os meninos e as meninas), caboclos-de-baque, cordão de caboclos e cordão de caboclas. O cordão musical geralmente é formado por quatro artistas que usam como instrumentos o pífano, caraxás ou mineiros, tarol e surdo. Não esquecendo dos Estandartes, que são “carro chefe” das agremiações/tribos, cada uma das agremiações possui o seu estandarte de fabricação própria, montado pelos integrantes da manifestação cultural, que deveria ser tratada para muito além de uma parte do momento das festas regionais, mas também como parte do folclore, da cultura, da literatura, seu devido lugar.

Por isso, é válido ressaltar que entendemos a literatura, em sua primazia, conforme Candido (1989), sendo um direito social humanizador que se manifesta universalmente através do ser humano, em todos os tempos. O autor propõe que a literatura seria tudo aquilo que tem toque poético, ficcional ou dramático nos mais distintos níveis de uma sociedade, em todas as culturas, num sentido mais amplo e aberto. E defende a ideia de que não há um ser humano sequer que viva sem alguma espécie de fabulação/ficção, pois ninguém é capaz de ficar as vinte quatro horas de um dia sem momentos de entrega ao “universo da fabulação”. A literatura seria um sonho acordado (CANDIDO, 1989, p. 112). Na escola, por sua vez, não deveria ser diferente, já que a literatura tem papel de instrumentação e educação como ele mesmo salienta:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113).

Na página do IPHAN, encontramos a seguinte definição para o Cabocolinho:

O Cabocolinho foi reconhecido, em 24 de novembro de 2016, como Patrimônio Cultural do Brasil e inscrito, pelo Iphan, no Livro do Registro

das Formas de Expressão. A manifestação cultural dos grupos de Caboclos, ou Cabocolinhos, recebeu o registro de bem cultural imaterial por suas atividades no carnaval pernambucano desde o final do século XIX. Simboliza a memória do encontro cultural e da resistência, sobretudo das populações indígenas e também dos povos africanos escravizados, que reverberam profundamente na história do Nordeste rural brasileiro.

Um dos nossos questionamentos é justamente o fato de os cabocolinhos apenas terem espaços na cidade em momentos como o Carnaval ou festas juninas, reduzindo tal vertente da identidade de um povo a sazonalidades. É importante pôr em pauta que as casas que servem como base para se reunir e fazer os adereços, os estandartes são, geralmente, as residências dos mestres.

A Ciranda e o Cabocolinho são temas que podem ser abordados de maneira interdisciplinar em variadas disciplinas na escola, história, língua portuguesa, matemática, geografia e artes, podendo assim contribuir de sobremaneira a valorização da cultura/literatura local; e, como parte a nossa literatura não deve estar do fora da sala de aula. No caso desta, a qual nos debruçamos, acredita-se que ela seja originada mais precisamente na Ilha de Itamaracá, litoral norte de Pernambuco, através das mulheres de pescadores que cantavam e dançavam esperando-os chegarem do mar, e desembarcou com os nossos colonizadores portugueses, há quase 500 anos. De lá para cá, acabou sofrendo inúmeras modificações ao longo dos anos. Ela caracteriza-se, hoje, pela formação de uma grande roda, geralmente nas praias ou praças, onde os integrantes dançam ao som de ritmo lento e repetido.

O ritmo, quaternário simples, lento, com o compasso bem marcado por um toque grave da zabumba (ou bumbo) na cabeça do compasso e toques abafados nos outros tempos, acompanhado pelo tarol, o ganzá, o maracá, é coreografado pelo movimento dos cirandeiros. São utilizados basicamente instrumentos de percussão. Na marcação da zabumba, os/as cirandeiros/as pisam forte com o pé esquerdo à frente. Num andamento para a direita na roda de ciranda, os dançarinos dão dois passos para trás e dois passos para frente, sempre marcando o compasso com o pé esquerdo à frente. Os passos podem ser simples ou coreografados. Esse movimento remete as ondas do mar e as mãos dadas remetem a importância de todos os lados, não sendo ninguém mais importante na roda, todos têm a mesma função e o mesmo valor. (RABELLO, 1988, p. 57).

As coreografias, quando há, são individuais. O dançarino pode aumentar o número de passos e fazer coreografias com as mãos e o corpo, sempre mantendo a marcação com o pé esquerdo à frente. A Ciranda é uma dança coletiva que não tem preconceito quanto ao sexo, cor, idade, condição social ou econômica dos participantes, assim como não há limite para o número de pessoas que dela podem participar. Começa com uma roda pequena que vai

aumentando, à medida que as pessoas chegam para dançar, abrindo o círculo e segurando nas mãos dos que já estão dançando. Tanto na hora de entrar como na hora de sair, a pessoa pode fazê-lo sem o menor problema. Quando a roda atinge um tamanho que dificulta a movimentação, forma-se outra menor no interior da roda maior. A letra da Ciranda é improvisada, de melodia simples e normalmente com estribilho, para facilitar o acompanhamento pelos participantes, e é entoada pelo mestre acompanhada pelos tocadores e pelos dançarinos.

O/A mestre cirandeiro (a) é o/a integrante mais importante da ciranda, cabendo a ele/ela "tirar as cantigas" (cirandas), improvisar versos, tocar o ganzá e presidir a brincadeira. Ele utiliza um apito pendurado no pescoço para ajudá-lo nas suas funções. O contra-mestre pode tocar tanto o bombo quanto a caixa e substitui o mestre quando necessário. As músicas podem ser as já decoradas, improvisadas ou até canções comerciais de domínio público transformadas em ritmo de ciranda. Pode-se destacar três passos mais conhecidos dos cirandeiros: a loa ou onda, o sacudidinho e o machucadinho. Alguns dançarinos criam passos e movimentos de corpo, mas sempre obedecendo a marcação que lhes impõe o bombo. Não há figurino próprio. Os participantes podem usar qualquer tipo de roupa e pode ser dançada durante todo o ano. (RABELLO, 1988, p. 57).

Esses são alguns dos conhecimentos que não transitam com facilidade nas escolas, já que se tem a ideia de que se deve aprender apenas aquilo que algumas poucas pessoas consideram como certo, ou ideal, como em:

[...] nem todos os integrantes de uma sociedade têm acesso a todas as variedades e muito menos a todas os conteúdos referenciais. Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a variedade "cultura" ou "padrão", considerada geralmente a língua [...]. A língua padrão é o sistema comunicativo ao alcance reduzido dos integrantes de uma comunidade. (GNEREE, 1985, p. 6).

De toda a história de colonização de "deculturação" do país, ainda pensamos e formamos professores e alunos que pensam que conhecimento válido é aquele que está nos livros e revistas, de maneira impressa, dita como correta pelas elites brancas e de poder econômico elevado.

Em Pernambuco, a Ciranda tomou uma nova conotação com Lia de Itamaracá, como ficou conhecida a filha de um agricultor e de uma empregada doméstica, que nasceu e se criou na Ilha, ao lado de seus treze irmãos. Seu nome de batismo é Maria Madalena Correia do Nascimento, e é considerada Patrimônio Cultural Vivo de Pernambuco desde 2016. Desde a

década de 1980, trabalhou como cozinheira de escola municipal na Ilha de Itamaracá. Gravou o CD *Ciranda de ritmos* (2008), o CD *Eu sou Lia* (2000) e o LP *A rainha da ciranda* (1977).

O intrigante é que a referida cirandeira não possui nada anotado, todas as músicas de sua autoria, são “gravadas” na memória, já que ela é semialfabetizada. Isso não a impediu de viajar o mundo levando a Ciranda para diversos lugares da Europa. Uma das canções que Lia de Itamaracá interpreta foi gravada em 1977 em “Rainha da Ciranda” e diz assim:

Eu sou Lia da beira do mar  
Morena queimada do sal e do sol  
Da Ilha de Itamaracá;  
quem conhece a Ilha de Itamaracá  
Nas noites de Lia  
prateando o mar  
Eu me chamo Lia e vivo por lá  
Cirandando a vida na beira do mar  
Vejo o firmamento,  
Vejo o mar sem fim  
E a natureza ao redor de mim  
Me criei cantando  
Entre o céu e o mar;  
Nas praias da Ilha de Itamaracá  
(DE ITAMARACÁ, 1977)

As canções interpretadas por Lia de Itamaracá, são letras que engrandecem a negritude, as origens do mar e o ritual dos pescadores, a valorização da sua cultura pesqueira; muito eficazmente ela ressalta o valor de momentos simples do cotidiano de onde ela está inserida. A obra de Lia, traz em suas letras a simplicidade e valoram amores vividos, ideais de paz, de coletividade, uma obra que busca inspiração do mar para poder tornar real questões referentes ao (re)conhecer-se a si e ao outro, além de tratar de questões da juventude e da religiosidade em seu sentido mais amplo e complexo que seja. Embora, aparentemente simples, com versos curtos e repetidos, sua poesia ensina a valorização do que é trivial, e que na vida, nada conseguimos fazer sozinhos.

Estes também deveriam ser conhecimentos sólidos e passados de geração em geração. Assim, como a Ciranda, temos em Pernambuco, o Cabocolinho, e tantas outras manifestações culturais em gêneros orais que podem ser elevadas a categoria de literatura/manifestação cultural para construção de saberes diversos que compõem a sociedade pernambucana em todos os lugares do Estado, e fora dele, bem como em todas as escolas, sejam elas, públicas ou privadas. Como dissemos anteriormente, as letras podem ser improvisadas; pode-se, depois de uma imersão, na forma como se faz “Ciranda”, pedir que os alunos formem suas rinhas de



ciranda. A intensão, não é que os discentes sejam “especialistas” em cantar ciranda, mas que conheçam, mergulhem nesse gênero e entendam que existem diversas formas de questionamento e saberes diversos, que não são apenas, aquelas que estão nos livros didáticos, ou aquelas que passam nos canais de TV.

Vale ressaltar, mais uma vez, que não estamos querendo dizer que todos precisam conhecer infinitamente todos os textos, mas que, diante de diversas possibilidades de valorizar os saberes populares locais/regionais de maneira interdisciplinar, entendemos ser uma barbárie escanteá-los e continuar contribuindo com certa opressão velada, e ao não colaborar com a preservação de um gênero literário tão significativo para seus pertencentes.

Por fim, consideramos válido, entender a Ciranda e o Cabocolinho, como uma das formas instigantes para ampliar o poder das aulas de literatura, para que os discentes entendam que ser letrado, não é apenas saber decodificar, mas também, prezar os diversos tipos de conhecimentos que, por vezes são excluídos das pautas dos livros; os saberes sociais são infinitamente valorativos e podem ajudar o conhecedor desse gênero a se posicionar no mundo como ser autônomo. Ambas as manifestações literárias, fazem parte de uma (re)significação de identidades, por isso devem ser estudadas, conhecidas, valorizadas e principalmente respeitadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciranda bem como o Cabocolinho podem ajudar os indivíduos a conseguirem ver sua cultura como parte de grande relevância e importância para a literatura, a partir do momento em que se consegue vislumbrar esse artefato como instrumento de empoderamento e libertação social. Instrumentos estes que colocam o povo no centro da necessidade de seus (re)conhecimentos. Tornar conhecidos, a Ciranda e o Cabocolinho, embora de maneira concisa, ainda sim, pode ajudar a encontrar caminhos nunca antes desbravados, permitindo-nos conhecer mais de nossas origens, nossa transitoriedade humana e nossa incapacidade de solidão eterna. Ambos os gêneros nos permitem uma (re)tomada de visão do que é literatura e da sua amplitude dimensional.

É fundamentalmente importante (re)guardar, (re)significar tais manifestações culturais, a começar pela escola, já que lá é um espaço de alguns brincantes e de maior abrangência coletiva para a culminar em um novo olhar para os movimentos que hoje, são vistos apenas como parte do folclore do nosso país, e embora sendo, não apenas o são. É

preciso, pois, tornar tais manifestações culturais em instrumentos de conscientização literária e de capacidade de entender a interdisciplinidade inocuada até aqui.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Direitos Humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DE ITAMARACÁ, Lia. *A Rainha da ciranda*. [S.l.]: Tapeçar, 1977.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem, discurso e poder*. São Paulo; Martins Fontes, 1985.
- GONSALVES, Elisa Pereira. *Educação e curva pedagógica*. Campinas, SP: Alínea, 2014.
- HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- IPHAN. *Caboclinho*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1600>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- RABELLO, Evandro. Ciranda. In: SOUTO MAIOR, Mário; VALENTE, Waldemar. (org.). *Antologia Pernambucana de folclore 1*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1988. p. 55-61.
- SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.